

Identidade e Desterritorialização na Sociedade Hipermoderna: o Caso Suricate Seboso¹

João Eudes Portela de SOUSA²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo discute como conceitos de identidade, cultura e desterritorialização, podem contribuir para os estudos de uma sociedade globalizada que hoje parece fazer o caminho inverso do que grande parte dos estudiosos acreditavam. É relevante retomar alguns conceitos de etnocentrismo, identidade cultural, hierarquias sociais, culturais, globalização e *internet*, para podermos aplicá-los num estudo de uma cultura ciber onde se possa compreender como a sociedade, hoje influenciada pelos novos modelos de comunicação, vem transformando a vida e o espaço social. A cultura e a sociedade são influenciadas pelas novas tecnologias. O objetivo deste trabalho é provocar uma reflexão nos conceitos e formas que englobam a relação do sujeito no ambiente real e virtual e como se configura essa sociedade diante de um determinismo tecnológico.

Palavras-chave: desterritorialização; identidade; cultura; globalização; *internet*.

Introdução

As novas tecnologias têm proporcionado mudanças no Brasil e no mundo. Vivemos em um sociedade midiaticizada e, por meio dessas novas formas de comunicação e informação a sociedade em rede tem possibilitado novas experiências e vem desempenhando papéis importantes na maneira de se relacionar e se enxergar como sujeito. O poder da mídia e a influência das novas tecnologias estão transformando a sociedade e sua cultura, abrindo lacunas, fechando espaços, revolucionando a arte de se comunicar, se reconhecer e se identificar.

Neste trabalho, estudaremos à luz de diversos autores como André Lemos, Zygmunt Bauman, Lucia Santaella, Stuart Hall, dentre outros, e buscaremos contribuir para uma reflexão, analisando os aspectos da globalização e das novas tecnologias, bem como toda essa revolução tecnológica no processo de hibridização nas comunidades locais e globais, o

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, participante do grupo de pesquisa desdobramentos simbólicos do espaço urbano em narrativas visuais, professor do Instituto Federal do Ceará, email: joaoportelas@gmail.com.

que se compreende por identidade. Fugiremos dos determinismos tecnológicos, mesmo compreendendo que muitos pontos desses deslocamentos e diásporas se confundem e entrelaçam com o uso da *internet* e suas ferramentas.

O presente artigo, em um primeiro momento, faz uma abordagem da globalização e seus processos e tenta mostrar como se constrói essa hibridização cultural, com a participação do uso das novas tecnologias. Em um segundo momento traz a tona questionamentos sobre a identidade em um mundo de globalização crescente, de alta penetrabilidade em todas as esferas humanas, sejam elas na social, cultural e econômica. Em um terceiro passo mostraremos através do caso estudado, o perfil do Suricate Seboso, o uso e apropriação da cultura e identidade, como uma reafirmação cultural de um povo num momento em que oscilamos entre o essencialismo e o não essencialismo, no universo globalizado.

Neste trabalho não temos a intenção de fazer um apanhado histórico, mesmo que panorâmico, dos vários discursos que representam a identidade cearense, mas faremos um sobrevoo nas diferenças, que muitas vezes embora sutis podem traduzir os discursos deste povo. O corpus da pesquisa será feito a partir das publicações do perfil do Suricate Seboso nas redes sociais, onde se pretendem apresentar alguns resultados dessa cearensidade traduzida por um núcleo imutável e atemporal, onde passado, presente e futuro se encaixam numa linha ininterrupta, compartilhando signos e sentidos, possibilitando o reconhecimento das identidades culturais por meio da *internet* e suas ferramentas.

Globalização e as Marcas de um Mundo Desterritorializado

Uma nova ordem mundial parece fascinar todas as sociedades, pois a globalização atrai todas as gerações em um processo que parece ser inevitável e muito atraente. Estamos presenciando uma homogeneização das culturas, das sociedades, do mundo, amando ou odiando, isso não é novidade. Desde o final da Segunda Guerra Mundial as informações passaram a circular mais e até as culturas mais fechadas tiveram acesso a outros modos de vidas.

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da

mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAN, 1999a, p.07).

Esse processo é visto por alguns estudiosos como uma possibilidade do rompimento das fronteiras, a quebra das barreiras entre os mundos desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma ligação direta entre o norte e o sul, o que possibilita um conhecimento das diferenças, uma aproximação do estranho, um saber do outro, assim, um respeito pela cultura “exótica”.

Essa fronteira pode ser concebida entre o poder e o não de consumir os produtos ofertados por esse “novo mundo”. Para alguns entusiastas, é vista como a possibilidade de pôr fim às barreiras norte/sul, desenvolvido/subdesenvolvido, possibilitando, assim, ressaltar as diferenças e o respeito sob a insígnia do multiculturalismo.

Por outro lado, como esses lugares estão se globalizando, surge uma nova forma de se fazer e entender a cultura, uma deslocalização da produção, como na indústria de automóvel, onde cada passo é feito em um lugar diferente, a cultura portanto do local se funde com a do global.

Com a facilidade de se comunicar e a velocidade da informação os lugares hoje estão globalizados devido a esse encurtamento que a *internet* possibilitou nas sociedades. As novas tecnologias permitiram o que antes era impossível: uma informação rodar o mundo em questões de minutos e por que não dizer em segundos, e com a ajuda desses recursos, o mundo parece ter diminuído suas fronteiras.

No significado da palavra “globalização” está primeiramente implicada a idéia de “planetarização”, etimologicamente advinda do grego *plakso*, que significa nivelamento ou apastamento das diferenças. Historicamente, o referente desse signo aponta para o início da Era Moderna, quando novos instrumentos técnicos possibilitaram as “descobertas” e uma visão global da terra, assim como a expansão do capital. Agora, indica a interconexão de economias parcelares (nacionais e relevantes) por um novo *modus operandi* e com auxílio de novíssimas tecnologias integradoras. (Sodré in: Moraes, 2002. p.23)

Portando, o mundo passa então por um processo que Giddens (1991, p.89) define como desencaixe: em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vivem em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana. Com o efeito, dessa fragmentação cultural, a homogeneização provoca principalmente nos jovens um distanciamento e desprezo pela cultura local.

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam (BAUMAN, 1999, p.08).

É no ciberespaço que a produção de bens simbólicos circula com maior facilidade, se criam-se novos códigos e a contemporaneidade vem sendo traduzida por novas identidades, através das infinitas possibilidades que a *internet* permite. Para Martín-Babero, os meios digitais hoje são usados no processo de socialização, principalmente dos adolescentes contemporâneos, cuja comunicação que é feita através de diversas plataformas dirigidas a grande público. O que podemos perceber nitidamente é uma mudança provocada pela tecnologia nas práticas socioculturais, principalmente no campo da sociabilidade.

Os blogs, *twitter*, *facebook* e outras redes sociais passam agora a figurar como elemento importante na comunicação massiva, com funções não só de entretenimento, de alienação e distanciamento, mas como de (re) aproximação da cultura local, de proximidade da sua identidade cultural em qualquer lugar do mundo. A globalização promoveu por meio da *internet* e do uso das novas tecnologias, uma via de mão dupla entre o que podemos chamar de aldeia local e aldeia global.

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...]. a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo (CASTELLS, 1999, p. 17).

No atual cenário hipermordeno, surge um novo paradigma que vai além da televisão e do rádio, com a influência das novas tecnologias de informação: as redes sociais têm se formado como fonte de difusão e disseminação de informações e notícias, e não só no

campo das propagandas comerciais, mas em estreitamento de laços culturais e valorização da cultura local diante de um mercado global e rápido.

A mídia tem um poder sobre a sociedade e exerce um papel muito importante junto a ela; antes era quase impossível levantar a bandeira de sua cultura, mostrar sua identidade e fazer ser vista. Ainda vivemos uma influência da região sudeste, pois o que se faz lá vira moda, como as vestes, as falas, as gírias e os hábitos, bem como, e, outrossim, novelas, os programas de televisão em geral retratam seus modos como padrão e o que não for igual ou parecido fica de fora, muitas vezes considerado brega, cafona ou exótico.

Em virtude da facilidade que a *internet* proporciona, que o cenário está mudando, as redes levam o infinito proposto pela globalização, os meios de comunicação foram desamarrados e uma diversidade de discursos liberta as sociedades de estereótipos, dando vez e voz a quem antes não podia falar, identificar e reconhecer. Não quero parecer determinista tecnológico, porém quero que possamos perceber que as novas mídias possuem variedades de bens e produtos a serem consumidos e um fato que deve ser levado em consideração é a afinidade do homem com a escrita, máquina, etc. - isso sim, deve ser considerado determinante na aproximação.

Identities em Fluxo

O conceito de identidade é estudado por diversos teóricos e o que se percebe é uma discussão nas áreas das ciências sociais em relação a esse tema. A identidade deve ser compreendida como algo que não é fixo, instável; algo que não parte do biológico e sim construída por vivências e experiências adquiridas com o mundo exterior. Segundo Hall (2002 p. 8), ao se discutir esse tema, afirma estarmos lidando com tendências muito recentes e ambíguas, caracterizando esse conceito como “[...] demasiadamente complexo, muito pouco compreendido na ciência social [...]”. A identidade de um indivíduo ou de um grupo só pode ser entendida quando se coloca lado a lado com a de outro indivíduo ou de outro grupo.

Deve-se compreender que estamos lidando com algo que não é manipulado, que está relacionado a processos bem mais complexos, que tange na conduta de cada sujeito, na maioria das vezes ocorre de forma inconsciente, de difícil compressão, por estarmos vivendo em uma sociedade globalizada, cujos sujeitos, que aqui estão inseridos, em grande

parte, comungam dos mesmos processos e sofrem as mesmas consequências dessa sociedade global.

Compreender as questões identitárias é ir além dos conceitos que se definem como aquilo que não é único, permanente e imutável. Nas perspectivas de Bauman, a modernidade tardia e os efeitos da globalização dispersam os fatores que mantêm a tradição e a valorização da história, do seu passado, devendo-se ao reflexo de um modo globalizado. Vivemos uma espécie de atualização contínua, pois a globalização faz que sintamos uma necessidade de mudar, de correr, de transformar, como se precisássemos sempre de algo novo. As sociedades mais prejudicadas são as menos desenvolvidas, por não possuir poderes econômicos, essas sociedades tornam-se mais vulneráveis, a maior parte é, portanto influenciada pelas grandes potências, não se preservando e muitas vezes aniquilando sua própria identidade.

Para existir uma identidade são necessários sujeitos e sociedade; a cultura então é compreendida como identidade de um grupo. O que percebemos hoje, é uma desvalorização das raízes locais, e dos hábitos e costumes transformados e um enfraquecimento dos valores regionais, e o que podemos observar facilmente são as culturas fragmentadas. A maior preocupação é viver um mundo culturalmente homogêneo, onde o local e o global se confundem em todos os aspectos, prevalecendo à cultura dos mais fortes, possibilitando um estranhamento das culturas, tornando as sociedades mais desiguais, aumentando ainda mais a rejeição, a intolerância e a migração, aniquilando as identidades maternas.

Hoje, percebe-se o aumento das chamadas identidades plurais, seja pela migração, seja pela influência da TV, do rádio ou da *internet*. Aquela chamada identidade do passado que nossos pais, tios, avós retratam, parece que se perdeu no meio do caminho, e o que se tem hoje, é essa nova identidade que foi criada por diversas influências, somando o passado com o presente, consciente ou inconsciente dentro de uma sociedade.

Segundo Hall, o que denominamos “nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora dela” (Hall, 1997, p.26).

Existe um desejo de se ver cultura em todo lugar, buscar identidade em qualquer canto para todos. A cultura é o centro das articulações dos valores culturais e socioeconômicos, o que não é surpresa é essa “crise de identidade” que o sujeito hipermoderno, fragmentado, composto por identidade múltiplas, vive hoje. Segundo Woodward, “a identidade é relacional”. (2000, p.9); a identidade deve ser compreendida como algo que se constrói e reconstrói diariamente nos processos de negociação.

Para Barth, deve se tentar entender o fenômeno da identidade por intermédio das ordens das relações entre os grupos sociais. (Denys Couche, p. 128). São nesses espaços tecnologizado que fazem que esses modos de interações dos sujeitos sejam mais rápidos e intensos, as inclusive circulações de bens simbólicos, ajudando nas suas representações e escolhas na construção e no deslocamento de novas concepções de identidade.

Vivemos numa sociedade hierárquica, na qual a cultura dos sujeitos não é dada como herança e se constroem nas relações entre si, que são sempre relações de desigualdade entre o dominante e o dominado, a elite e o subalterno.

“Toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Existe um limite que demarca uma identidade cultura da outra, que acaba estabelecendo o que está certo ou errado, dentro ou fora dos padrões”. (DENYS COUCHE. p. 149),

A identidade identifica ao mesmo tempo em que diferencia, tendo em vista esse processo de limitação; cada sociedade, cada sujeito pertencente à determinada identidade, para não se sentir discriminado ou fora dos padrões estabelecidos pela classe dominante. Tem por interesse defender, e muitas vezes disseminar sua cultura e as ações produzidas em seu meio, o que para os teóricos trata-se do “produto derivado da identidade” (SILVA, 2000, p.75).

A cultura é algo muito peculiar de uma sociedade, o que a torna como aspecto diferente, exótico, na formação da identidade de um povo. Mesmo com essa homogeneização de cultura que prega a globalização, são os elementos que formam a identidade não-essencialista, podendo ser relacionados com as discussões de comunidades imaginadas proposto por Benedict Anderson. Segundo Kathryn Woodward (2009, p 41): “Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”.

Os sujeitos hoje têm uma penetrabilidade em culturas de diversos países, consomem e se apropriam diariamente de novos hábitos e costumes. O que deve ser levado em consideração não é a diferença das sociedades, e sim, como isso influencia na (re) construção de suas identidades.

O que acontece no Ceará, falas, gírias, questionamentos e inquietações da identidade cultural do cearense, em questão de segundos, podem ser absorvidos em qualquer parte do mundo, uma vez que as fronteiras se encurtaram e o que parecia isolar acabou estreitando os laços. Existem diversos símbolos que são marcas da identidade, as pessoas marcam e são marcadas, isso fortalece a representação dos grupos, compreendendo que a identidade passa por uma construção não só simbólica, mas também social.

O Caso Suricate Seboso

O Suricate Seboso ganhou fama no *facebook* com uma linguagem tipicamente cearense, de fácil entendimento em todo nordeste, traduzindo uma cearensidade com ditados populares. Com mais de um milhão e meio de fãs na rede social, o personagem fez tanto sucesso que ganhou coluna em um jornal do estado, virou “garoto propaganda” de uma rede de óculos, ganhando espaço na TV, jornais e *outdoors*. Hoje seu nome virou marca forte, tanto que empresas de diferentes segmentos pagam para serem associadas em suas postagens.



Figura 1: Campanha do dias dos namorados para uma marca de óculos.

Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*.

Há muitos estudos sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade, as discussões sobre o processo da audiência e recepção até hoje, provocando muitos questionamentos. Diante desse cenário globalizado que vivenciamos hoje, a presença das redes sociais no nosso cotidiano é cada vez mais evidente e o processo de informação

parece que tem chegado mais próximo do sujeito, mesmo que na tela do seu computador, celular, *tablet*, algo tão pessoal, fazendo que absorvam valores e importando hábitos e costumes de diversas culturas.

Uma questão central nos estudos sobre a “identidade” vem ganhando notoriedade nos dias atuais por se tratar da (re) construção regional das identidades e etnias. O Suricate Seboso trabalha como uma reafirmação cultural de um povo em um momento em que oscilamos entre o essencialismo e o não essencialismo, diante de uma realidade que muitos se opõem a esse *ethos* da sua essência, que aqui chamamos de cearensidade, transformando uma série de dúvidas relacionadas à fala, ao modo de se portar, reagir, e se comunicar, sinalizando uma crise de identidade.

Tornou-se difícil minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham em nossa vida psíquica, social, cultural, política e econômica. Em número recente da revista *Exame*, encontra-se um artigo em que as redes sociais são colocadas como o quarto grande marco da evolução dos computadores. (SANTAELLA, 2013, p.35).

As postagens do Suricate Seboso caminham a uma (re) construção da identidade, na qual seus seguidores, amigos de seguidores e outros formam um movimento, onde se unem de acordo com um sentimento de pertença, e através das semelhanças e diferenças, influencia no fortalecimento e construção dessa identidade cearense, uma valorização da cultura local.

O criador do personagem, em entrevista ao site G1 Ceará, comenta que resolveu criar um personagem que retrata as coisas do Ceará, com influências de outros personagens virtuais de outros estados do nordeste. Diego Jovino justifica a escolha do animal: "Pesquisei animais regionais, mas não encontrava muitas opções. Quando procurei o Suricate, tinham várias formas, ele de todo jeito. Achei mais caricato e ele também tem um jeito mais de ser humano, fica em pé". Já o nome do personagem, Seboso, veio da mania do cearense de chamar por alguém "frescando", fazendo brincadeiras (G1, 2013, *online*).

Jovino fala que o bom humor é o carro chefe desse trabalho e ressalta que o sucesso do personagem se dá por meio do sentimento de pertença do sujeito: “É quando a pessoa não tem vergonha ou não se esconde das suas origens nordestinas e tem muito orgulho das marmotas do seu povo” (G1, 2013, *online*). O personagem é considerado uma celebridade na região, faz show, tem canal no *youtube*, coluna em jornal etc. O alcance semanal com as mídias, *facebook*, *instagram*, *youtube* chega a mais que cinco milhões de pessoas. Diego

reconhece a responsabilidade que o personagem exerce no meio e reconhece a influência que o Suricate Seboso exerce hoje.

Para produção dos conteúdos, o que podemos perceber são expressões e referências que fazem parte do mundo cearense, representação de quem vive ou viveu essa identidade. O sucesso pode ser atribuído pela lacuna que existia nesse espaço virtual antes não havia algo que os cearenses pudessem se identificar, as expressões compartilhadas eram de outros estados, outra cultura. A autora Lucia Santaella (2013, p.40) propõe um olhar no que toca essas relações hoje: “Os processos culturais e comunicacionais propiciados pelos ambientes do ciberespaço agora tornam evidente, colocam a nu e incentivam aquilo que antes não eram tão fácil de ser detectado: a multiplicidade identitária do sujeito”.

O Suricate trouxe à tona o jeito do cearense de falar, ações corriqueiras vivida por esse povo. O que podemos evidenciar é um orgulho, uma valorização do jeito tipicamente cearense que o Suricate Seboso refletiu nesse espaço. Podemos citar algumas expressões de sucesso, “armaria nam”, que vem da “ave, Maria”, (essa expressão é tão forte no estado que foi dita pelo ex-beatle Paul McCartney em um show realizado em Fortaleza, capital do estado), significa negação, e “uri cumpadi”, um espanto, espécie de exclamação.



Figura 2: Dialeto cearense.

Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*

As grafias das palavras postadas levam a autenticidade; são preservados nas escritas o jeito como são ditas nas ruas e o criador ressalta: “A gente escreve do jeito que fala propositalmente. A ideia é escrever o jeito que a gente fala”, e os seguidores e admiradores do personagem ajudam na construção das falas, enviando diariamente sugestões de postagens. Com

mais de cem mensagens por dia, é feita uma triagem das melhores situações e expressões vistas no Ceará para publicação.

Com a seriedade do personagem, seu criador hoje estuda literatura, assiste aos vídeos de cineastas cearenses, e procura ficar por dentro de todos os acontecimentos do estado. Como o personagem cresceu muito, conta com ajuda de dois amigos, Eduardo Souza e José Viana, na atualização e monitoramento das outras redes sociais *twitter*, *instagram* e *youtube*.

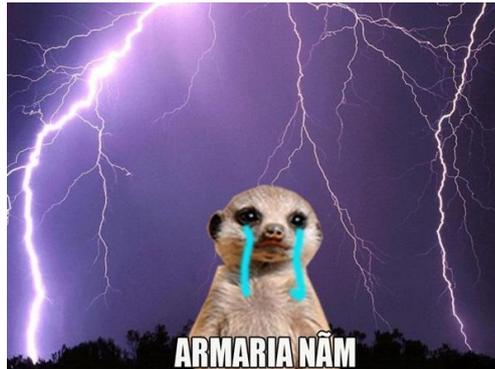


Figura 3: Dialeto cearense.

Fonte: Perfil do Suricate Seboso no *facebook*.

O mais interessante de tudo é que esse fenômeno virtual tem alcançado todas as regiões do país, cruzado fronteiras. Com o sucesso entre conterrâneos e admiradores do "jeito cearense de ser", internautas de outros países como Alemanha, Portugal, Estados Unidos, México, Itália, tem acessado seu perfil nas redes sociais, em estatísticas oficiais divulgadas por Diego Joviano e como um bom cearense, defende que há um cearense em cada lugar do mundo.

Mesmo com as turbulências geradas pela globalização, existe uma valorização cultural que ajuda nessa integração. A compreensão dos dialetos fica muitas vezes comprometida, pois quem não pertence ou pertenceu àquele lugar, precisa de ajuda para tradução do significado real, que em grande parte é patrimônio cultural e só consegue ser decifrado pelo seu povo, exemplo disso é o filme "cine holliúdy", uma produção cearense que rodou as salas de cinemas do Brasil com legenda, para facilitar a compreensão das falas.

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi abrir uma discussão sobre os efeitos causados pela globalização e o uso das tecnologias na sociedade. Discutimos a contribuição da *internet* no processo de desterritorialização nessa cultura contemporânea e ao mesmo tempo pudemos

identificar o papel inverso que vem sendo estabelecido com o auxílio das novas tecnologias nos processos e práticas culturais. Com a democratização na distribuição de bens simbólicos se faz possível uma reterritorialização num processo paralelo de uma ideologia globalizante.

Quando abre espaço para veiculação de conteúdos antes discriminados, se caracteriza uma democratização dos bens culturais, escapando dos administradores culturais, fugindo do domínio, possibilitando as consideradas subculturas e identidades exóticas falas nesse novo cenário. As individualidades e os aspectos específicos de cada lugar são reconhecidos e seus conteúdos ganham espaços e audiências.

Sai de cena a interferência de interesses globais muitas vezes camufladas de uma ideologia globalizante, presentes nas culturas mais fortes, e por intermédio desses efeitos desterritorializantes das culturas locais evidenciados claramente em países em desenvolvimento, ou como no caso do Brasil um país com dimensões continentais, a *web* apesar desse caráter globalizante, possibilita na sociedade em rede diferentes apropriações e os usuários podem customizar, aproximando pessoas, oferecendo conteúdos que aproximem as diferenças culturais que muitas vezes não possuíam espaço nos meios de comunicação tradicionais.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Capitalismo parasitário**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Medo líquido**, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUCHE, Denys. **Cultura e identidade**. In: *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 1998.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte, Editora: UFMG, 2006.

LEMOS, André (Org.). **Cibercidade:** As cidades na cibercultura. Disponível em: <http://www.e-papers.com.br/apresenta.asp?codigo_produto=447>. Acesso em: 23 de maio de 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações:* comunicação, cultura e hegemonia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Jóvenes: comunicación e identidad.** Pensar Iberoamérica: Revista de cultura. N.0, Fev. 2002. <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>

_____. **Tecnicidades, identidades, alteridades:** mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Cultura y nuevas mediaciones** Tecnológicas. Texto apresentado em aula no programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/ECA/USP em 2008. Publicado em América Latina: otras visiones de la Cultura, CAB, Bogotá, 2005.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRIMO, Alex. **A internet em rede** / organizada por Alex Primo. Porto Alegre: Ed.Sulina, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como neobarbárie.** In: MORAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação:* mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Thomaz Tadeu da.(org.), HALL, Stuart, WOODWARE, Kathryn. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.

SURICATE Seboso faz sucesso com expressões cearenses e vira negócio. **G1:** 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/09/suricate-seboso-faz-sucesso-com-expressoes-cearenses-e-vira-negocio.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.

SURICATE Seboso faz sucesso com expressões cearenses e vira negócio. **G1:** 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/09/suricate-seboso-faz-sucesso-com-expressoes-cearenses-e-vira-negocio.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2014